



Universidades Lusíada

Netto, José Paulo, 1947-

Comentário à comunicação sobre o tema : génese, emergência e institucionalização do serviço social português : a escola normal social de Coimbra

<http://hdl.handle.net/11067/3957>

Metadados

Data de Publicação	1995
Palavras Chave	Serviço social - Portugal - História
Tipo	article
Revisão de Pares	no
Coleções	[ULL-ISSSL] IS, n. 11-12 (1995)

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-04-26T22:02:07Z com informação proveniente do Repositório

**COMENTÁRIO À COMUNICAÇÃO SOBRE O TEMA:
GÊNESE, EMERGÊNCIA E INSTITUCIONALIZAÇÃO
DO SERVIÇO SOCIAL PORTUGUÊS
— A ESCOLA NORMAL SOCIAL DE COIMBRA**

*Pelo Prof. Doutor José Paulo Netto **

“Eu queria agradecer a oportunidade de participar nesta mesa, e neste Seminário; estarei aqui, creio que no último dia; e agradecer especialmente a oportunidade de retomar o diálogo com o trabalho de investigação da Alcina. Porque eu fiz parte, acompanhei um pouco a elaboração desse trabalho e tive oportunidade de participar da arguição da Alcina lá em São Paulo. Uma arguição que contou com uma banca de professores brasileiros e a presença de um historiador português, o Professor Doutor Fernando Catroga, e é importante fazer essa menção porque seria muito difícil avaliar o trabalho da Alcina sem um olhar português, e o Prof. Fernando Catroga contribuiu na discussão do trabalho da Alcina com uma intervenção bastante significativa. Eu queria pontuar rapidamente algo que é um pouco externo ao trabalho mas eu creio que ajuda a entender a significação do trabalho da Alcina.

Originalmente a investigação da Alcina devia servir de base a uma dissertação de Mestrado. Ela preparou todo o material com a sua orientadora e a banca que examinou previamente esse material concluiu que o porte, a magnitude da investigação eram de tal ordem que ela sustentava uma tese de Doutorado. Eu acho que é importante chamar a atenção para isso porque do ponto de vista acadêmico isso significa, sobretudo quando os critérios de avaliação são rigorosos (e no caso da PUC-SP são, de facto, muito rigorosos), isso significa que há uma consistência teórico-metodológica além de qualquer tipo de discussão.

Eu queria fazer apenas três observações (e serão apenas mesmo três observações) sobre o trabalho da Alcina Martins. Não é por acaso que ela demorou tanto tempo. E ela só chegou em Coimbra no finalzinho: ela primeiro passou por tudo e

* Professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro — área de Serviço Social.

até chegar a Coimbra foi pouquinho, na exposição dela. É que na verdade a tentativa da Alcina é a tentativa de uma história do Serviço Social em Portugal. No fundo menos que a emergência, desenvolvimento e institucionalização, se trata de construir ou de contribuir na construção da História do Serviço Social Português. Essa é uma tarefa que mostra uma enorme ousadia. Os materiais prévios existem mas ainda são poucos. E uma coisa está clara: em todos os países onde o Serviço Social, atingindo a sua maturidade académica, intelectual, ele mesmo reconstrói a sua história. Esse é um trabalho colectivo, não é um trabalho de um único investigador e é absolutamente impossível elaborar uma história do Serviço Social enquanto trabalho individual. E por isso é de saudar, inclusivé, a criação do Centro Português de Investigação em História e Trabalho Social que seguramente vai aglutinar os vários pesquisadores que se debruçam sobre esse objecto.

Bom, eu fiz questão de pontuar que é uma tarefa gigantesca porque as qualidades, eu diria, a força do trabalho da Alcina expressa essa iniciativa pioneira mas ainda eu diria, apesar de uma articulação com outros investigadores da mesma temática, é uma iniciativa individual. E eu aponto isso porque no futuro seguramente o trabalho da Alcina será reescrito. Daqui a dez anos, se o olhar sobre a história do Serviço Social em Portugal permanecer o mesmo, alguma coisa está errada, não é? Não é possível, por mais que a gente valorize o trabalho da Alcina (eu vou falar nisso logo em seguida), ele, evidentemente, é um trabalho limitado, é um trabalho que tem limitações. Da singularidade do esforço, da ausência de materiais prévios e, muito especialmente, do conjunto de temáticas a que a Alcina foi obrigada a recorrer para construir esse painel.

Eu dizia: a História do Serviço Social não é uma tarefa individual. E porquê? Porque é uma peculiaridade na reconstrução histórica do Serviço Social. Reconstruir a história do Serviço Social é reconstruir todo o *background*, todo o caldo cultural numa dada sociedade num tempo localizado. Mas é também reconstruir as suas instituições, as suas organizações sócio-políticas, as suas formas de socialização pela via da educação formal e, especialmente, reconstruir práticas sociais que servem de suporte ao novo desenvolvimento profissional. Isso é um universo temático, um universo de objectos que nenhum investigador individualmente dá conta e esgota. O que a Alcina fez foi exactamente isso: ela pegou em meados do século XIX e rastreou práticas sociais, instituições sociais, organizações sociais e chegou até o imediato pós guerra. É uma aventura fascinante ler o texto da Alcina (eu lamento, inclusivé, que esse texto não seja mais acessível; ainda está na forma de tese). É um texto muito agradável, muito bem escrito e que tem três aspectos que fazem a força do trabalho da Alcina Martins.

Primeiro aspecto que eu gostaria de enfatizar: a Alcina não partiu de hipóteses apriorísticas. Ela não elaborou uma hipótese, foi à investigação (e investigação é basicamente sobre fontes documentais, a que ela faz), ela não criou uma hipótese, tratou determinado material e a partir de aí fundou, comprovou ou refundiu as suas hipóteses. O processo de investigação da Alcina foi diferente: ela primeiro se apropriou das informações, ela primeiro penetrou nesse objecto meio complicado, um pouco nebuloso que é o Serviço Social em Portugal. Só depois de ter feito todo um trabalho exploratório ela levantou algumas hipóteses que ela foi rectificando, foi corrigindo, foi modificando ao longo da própria investigação. Eu diria que o primeiro aspecto a atentar no trabalho da Alcina é o facto de não haver um apriorismo, uma concepção apriorística, ou seja, ela mergulhou nas suas fontes documentais buscando com muita flexibilidade o próprio movimento desse objecto que ela queria captar que era a história do Serviço Social. Mas cuidado, isso não significa que a Alcina não tinha uma concepção da profissão. E esse é o segundo ponto que eu gostaria de ressaltar.

O mérito da reconstrução histórica da Alcina é que em nenhum momento ela cede a uma dupla tentação que é constante quando nós tratamos de pensar o Serviço Social. A primeira tentação é a tentação que eu chamo de internalista: é explicar o Serviço Social por si mesmo, é olhar endogenamente, nos olharmos (porque se trata de nós) através do nosso umbigo, como se o Serviço Social fosse a instituição mais importante do mundo e como se ele se auto-explicasse, como se a modificação das práticas, a alteração das concepções teóricas no interior do Serviço Social desse conta do seu significado social. A esse viés internalista corresponde um outro que é o viés externalista. É de imaginar o seguinte: o Serviço Social não tem nenhum significado social específico, não tem nenhuma particularidade, ele é simplesmente um fenómeno, um produto secundário directo de um conjunto de causalidades sociais. Pois bem, a Alcina conseguiu evitar isso que eu chamo de uma dupla tentação na medida em que ela partiu de uma concepção teórica muito precisa do que fosse o Serviço Social. Ela aludiu isso aqui muito rapidamente: quando ela diz “O Serviço Social é uma divisão social e técnica do trabalho” — no fundo é a concepção desenvolvida por alguns companheiros do Serviço Social segundo a qual, pensar o Serviço Social é localizar o seu significado na rede, na malha das relações sociais. Então, a partir daí eu diria que essa foi a chave heurística, o ponto arqui-médico da pesquisa da Alcina. Essa concepção de Serviço Social permitiu a ela explorar um amplo e heterogéneo material histórico sem perder o rumo porque ela passou a pensar o Serviço Social como constituído, precisamente, de certas particularidades de um processo e respostas a questões muito determinadas (por isso ela vai pontuar o ideário liberal, o ideário republicano, a questão dos higienistas, o Estado corporativo, etc).

O segundo elemento: ela parte de uma concepção teórica. Quem faz pesquisas sem concepção teórica ou está enganado ou está enganando, não é?

O penúltimo ponto que eu queria assinalar é o extremo cuidado que a investigadora teve ao tratar dos conflitos e contradições na constituição do Serviço Social português. Eu acho que esse é um elemento muito rico da pesquisa da Alcina na medida em que mostra que as coisas não foram nem lineares, nem tranquilas, nem tiveram os seus desdobramentos naturais. Antes foram resultado de vários confrontos: confrontos ideais, confrontos culturais, confronto de poder. Nesse sentido me parece que fica uma chave, fica uma sugestão de pesquisa extremamente fecunda que a Alcina não aprofunda na tese dela (e nem tinha condições de fazer) que é buscar um pouco a raiz social desses conflitos, ou seja, não ficar apenas na constatação que o serviço social resulta de vários confrontos e vários projectos que se contrapuseram, alguns que foram abandonados, outros mais desenvolvidos. Mas eu diria: fica para os investigadores presentes e futuros o instigar para aprofundar a raiz social desses conflitos, ou seja, porque é que o serviço social português não tem uma história linear? E se eu digo isso é porque eu acho que o belíssimo trabalho da Alcina (dá para ver que eu sou entusiasmado com ele, não é?) tem também alguns pontinhos que precisam ser mexidos no sentido de avançar mais a pesquisa. Eu me recordo (e isso foi objecto de um longo debate nosso): a ideia, a noção de laicização que a Alcina utiliza me parece que deve ser mais precisada, deve ser mais elaborada. O próprio eixo que ela privilegiou, “Estado e Igreja”, sugere que, embora ele tenha sido extremamente fecundo, será que não há outros personagens, por onde passam as classes sociais, por onde passa a expressão dos movimentos sociais (ainda que levemos em conta que o período que ela institucionalmente analisa é um período de repressão a qualquer tipo de mobilização, etc.) é muito pouco provável que para além da epiderme, do tecido visível da sociedade portuguesa, não se estivessem gestando certas concepções, e mais do que isso, certas formas de acção social que escapam seguramente a um olhar que parte dessa relação entre apenas o Estado e a Igreja (embora esse “apenas” seja extremamente rico no trabalho da Alcina).

Um outro aspecto que eu acho necessário aprofundar (e a Alcina não dá conta disso — como nenhum investigador individual dá conta) são as influências estrangeiras. Ela passeia da Europa para os Estados Unidos com uma facilidade ... Eu me lembro quando eu estava examinando a tese eu disse: “Meu Deus, como eu sou burro!!!” Porque o que ela cita de gente, de obra, de eventos !... Eu disse: “Eu preciso de estudar essa coisa toda ...” Há uma riqueza de informações na tese da Alcina que é algo que escapa ao controle de qualquer observador individual. Agora, mesmo essa inicial, panorâmica, esse retomar desses veios necessitará seguramente de um aprofundamento para mostrar como é que, não apenas essas ideias chegam a Portu-

gal, mas são os sujeitos sociais, para além de personalidades, quais são os sujeitos sociais que as encorporam.

Termino chamando a atenção para uma coisa: eu comecei dizendo que a História do Serviço Social é sempre uma história, é trabalho colectivo, especialmente porque nós, assistentes sociais, não temos a qualificação, a preparação, a capacitação para fazer história. O trabalho da história para nós é um duplo desafio: primeiro a gente tem que ser um pouco *doublé* de historiador e isso não pode ser simplesmente uma maquilhagem, é preciso incorporar os métodos da pesquisa histórica. Na nossa formação está ausente.

O segundo problema se constitui precisamente naquele conjunto de temas, de objectos, de processos, que o historiador de Serviço Social tem que dar conta. Eu estou convencido que o trabalho da Alcina não é um trabalho definitivo no sentido de que novas pesquisas serão feitas e algumas hipóteses seguramente serão rectificadas. Mas ele é absolutamente definitivo enquanto um trabalho seminal. Hoje (na verdade tem mais de um ano disso, a partir do momento em que o trabalho se concluiu) é absolutamente impossível pensar a História do Serviço Social em Portugal sem o trabalho da Alcina. Ou seja, ele é bastante provisório em termos das conclusões que ele encaminha mas ele é absolutamente definitivo como uma fonte obrigatória de referência para a pesquisa do Serviço Social e não só. Quem quiser recuperar todo o ideário da segunda metade do século XIX que foi direccionado para a acção social, seja ele dos higienistas, seja as concepções jurídicas, seja o próprio debate do papel do público e do privado na sociedade portuguesa inevitavelmente terá que recorrer ao trabalho da Alcina.

Sobre esse aspecto ele concretiza muito bem essa estranha dialéctica de permanência e de efémero. Ele é permanente (tenho certeza) na medida em que marca um ponto de partida sólido para futuras investigações e será necessariamente efémero na medida em que essas novas investigações rectificarão resultados.

Muito obrigado.”